

PF deve concluir retirada hoje

Vinte e sete famílias consideradas 'miseráveis' estão sendo expulsas de reserva Krenak

Luciene Takahashi
COM SUCURSAL GV

FOTOS ADILSON FAGUNDES

RESPLENDOR - A retirada das 27 famílias de produtores rurais classificados como "miseráveis", que ocupam a área dos índios Krenak em Resplendor, deverá acontecer até o final da tarde de hoje, de acordo com o delegado da Polícia Federal de Governador Valadares, Hélio Dias Leite. Ele comanda há uma semana a operação de retirada de posseiros da reserva Krenak, cumprindo decisão do Supremo Tribunal Federal (STF). Das 87 famílias que ocupavam a reserva de quatro mil hectares, aquelas consideradas em melhores condições (quatro), em situação intermediária e os "pobres" já foram retirados, restando apenas o grupo dos "miseráveis".

A preocupação de que o clima tenso que tomou conta de Resplendor nos últimos meses pudesse se transformar em conflito, neste final de semana, acabou não se concretizando. Ainda assim, dois dos 21 policiais federais serão mantidos por tempo indeterminado nesta cidade do Vale do Rio Doce, a 418 quilômetros de Belo Horizonte. A permanência deles na região é uma "precaução", segundo o delegado Hélio Dias Leite. É clara a animosidade contra os índios na cidade, que defendia a permanência das 87 famílias de produtores rurais na área devolvida aos indígenas. Na retomada das operações, no final de semana, a saída dos produtores foi tranqüila e sem incidentes.

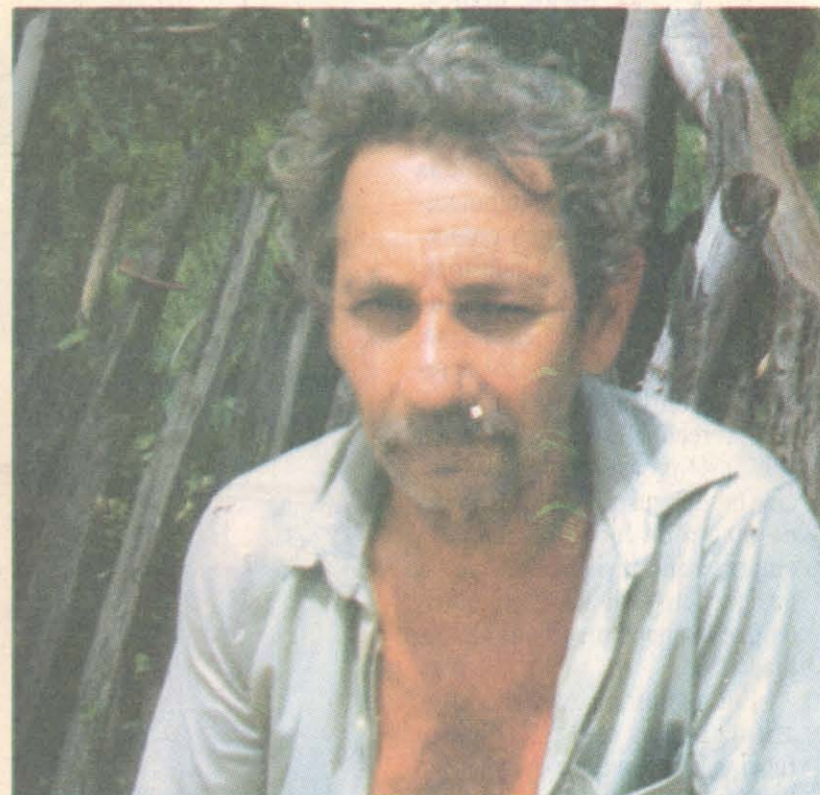
"O maior trabalho está sendo a retirada dos animais e o transporte de materiais das casas, que toma muito tempo. Os caminhões não foram suficientes, por isso ainda não terminamos a operação", observou Leite, alertando que o trabalho pode se estender até amanhã se continuar no mesmo ritmo. Na decisão do STF não está prevista a indenização das benfeitorias feitas pelos produtores, por isso as famílias estão levando tudo o que podem.

O prefeito do município, Gilmar Furtado Dias (PL), avisou que cortará todos os serviços que presta aos índios, pelo fato deles não terem concordado com a proposta de que as famílias mais pobres permanecessem em suas ex-propriedades por mais seis meses. Ele afirma não ter nada contra os "irmãos índios" e lembra que sua avó materna era índia, mas diz que agora a Fundação Nacional do Índio (Funai) é que terá que tomar conta deles. A Prefeitura é responsável pelo transporte dos estudantes da aldeia e viabiliza a assistência médica e odontológica.

O prefeito voltou a atacar o Governo do Estado, por não ter tomado posição diante da situação das famílias de pior situação financeira. "Vamos pedir apoio oficial às famílias carentes. O Estado tem que nos dar ouvidos e nos apontar uma saída", declarou. Furtado lembra que parte das 87 famílias de produtores rurais poderia ser transferida para a Fazenda Guarani, em Carmezia, onde havia uma aldeia Krenak. "O Governo deveria pedir à Funai que devolva a fazenda ao Incra para o assentamento dos produtores", diz.



Prefeito de Resplendor, Gilmar Furtado Leite, diz que população está irritada com índios



Família do posseiro Joaquim Pinto foi uma das atingidas

Partes tentaram acordo anterior

RESPLENDOR - O assessor jurídico do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Luiz Chaves, afirma que o maior problema no despejo é que os produtores - principalmente os mais carentes - não foram preparados para absorver o impacto. "O que me deixa indignado é que as autoridades municipais os incentivaram a ficar e até os auxiliaram a pagar advogados. Foram anos de ações protelatórias", denuncia. O assessor jurídico do Cimi culpa, também, o Governo do Estado por não ter tomado medidas para reassentar as 27 famílias mais carentes. Segundo ele, o Cimi enviou, no ano passado, um ofício às autoridades

responsáveis alertando para a situação dos mais pobres. Chegou até a sugerir uma fazenda no município vizinho de Aimorés. O Incra quer um prazo de pelo menos cinco meses para resolver a questão. Até lá, vale o acordo encaminhado sexta-feira pela Procuradoria do Estado para a aprovação dos índios. Eles concordaram em ceder uma área para os carentes ficarem acampados e deixar o gado por mais seis meses. A alternativa é considerada humilhante pelos despejados.

O cacique da tribo, José Alfredo de Oliveira Krenak, que já foi despejado da mesma área pelos produtores rurais, afirma não entender a reação ao

acordo. Para ele, os índios cederam por uma questão de caridade. Até a véspera do início da operação, na segunda-feira passada, eles eram contrários à permanência de qualquer produtor. E lembra: "Nós tentamos negociar e riram na nossa cara". O cacique refere-se à tentativa de acordo em 1985, com a mediação do Governo do Estado, quando os índios propuseram ficar com 1.800 hectares e deixar os demais 2.200 hectares para os produtores, que fariam nova divisão da área. Em troca, os Krenaks suspenderiam a ação judicial. Ninguém aceitou.

Origem é questionada

RESPLENDOR - Todos os 87 produtores rurais despejados contestam o direito dos Krenaks à área de quatro mil hectares localizada entre os rios Doce e Eme. Eles têm um dossiê com cópias dos títulos emitidos pelo Governo Rondon Pacheco, certidões de nascimento, e mostram os documentos para reforçar que foram injustiçados pelo Supremo Tribunal Federal. Os despejados afirmam duvidar, até mesmo, de que as 24 famílias da aldeia sejam indígenas. É senso comum entre eles de que só existem seis remanescentes Krenak na área. Apesar de não admitirem o preconceito, insistem que o resto da

tribo é "uma caboclada".

A crítica não é nova, segundo o administrador executivo regional da Funai em Governador Valadares, Wilton Madson Andrada. "É sempre a mesma conversa. Eu quero questionar o conhecimento científico dessas pessoas", diz. Para quem quiser conferir, Andrada lembra que um laudo antropológico feito pela perita Ilda Paraíso, professora da Universidade da Bahia, atesta que as famílias que vivem na tribo são remanescentes do povo Krenak. E salienta que foi com base neste laudo que a Justiça deu ganho de causa aos índios.

Problema pode continuar

RESPLENDOR - A vida dos Krenaks não será fácil fora dos quatro mil hectares que estão sendo devolvidos a eles. O prefeito do município, Gilmar Furtado Dias (PL), afirma que a população - 17,5 mil habitantes - se "esfriou" com os índios. "Os brancos não querem mais convivência de amizade e foram os índios que escolheram assim", diz. A revolta, segundo Gilmar, foi gerada pela recusa dos Krenaks em não permitir que as famílias carentes ficassem em suas casas na área até serem reassentadas pelo Governo do Estado. "Elas estão sendo jogadas na rua", indigna-se.

O prefeito reconhece que os Krenaks tiveram o mesmo destino há alguns anos - quando os

produtores rurais conseguiram uma decisão judicial favorável a eles -, mas justifica que as pessoas não pensam mais da mesma maneira. A mudança provoca, agora, indignação com o acordo proposto pela Procuradoria do Estado e aceito pelos Krenaks de destinar uma área para que os carentes fiquem acampados e possam deixar o gado. "Ninguém vai aceitar isso. É desumano, nem Hitler iria fazer dessa forma", exagera.

A denúncia feita por alguns produtores de que o prefeito os iludiu, por ter garantido que não perderiam as terras, é confirmada, em parte, por ele. Gilmar Furtado Dias afirma que os incentivou a ficar porque nunca tiveram para onde ir.